

NA SEPULTURA, ROSEIRA DE ROSAS BRANCAS

As filhas de Madre Rita emigraram para o Brasil, expulsas pela revolução de 1910. Todavia, o Senhor permitiu que um símbolo vivo da sua presença incendiasse de fé e de amor o coração dos visitantes, de modo especial, as testemunhas permanentes do povo de Ribafeita e aldeias vizinhas. Toda gente da terra sabia que, na sepultura de Madre Rita havia uma roseira de rosas brancas e, fosse verão ou inverno não se esgotavam.

Este fenômeno era causa de muita admiração para os habitantes da freguesia e dos arredores. Em primeiro lugar, a roseira é símbolo de Madre Rita exalando sobre o cemitério, o perfume de sua pureza angelical; por sua vez, o cemitério é símbolo de mortalidade causada pela corrupção da humanidade. A virgindade é sinal da nova vida, da imortalidade. É o tempo novo, as gerações novas, criadas pelo Evangelho de Jesus Cristo. Os que são chamados neste mundo a viver de corpo e da alma o amor de Jesus, escolhem a virgindade como caminho de perfeita doação ao Senhor. Pedem algum sacrifício (mas este não é comparável à beleza e liberdade da integridade do corpo e da alma), sem serem escravos de nada e de ninguém.

A roseira significa a sua resistência a invernos rigorosos e verões ardentes, a todas as revoluções humanas e sociais; a todo o mundo de calúnias, perseguições e de sofrimentos. A rosa é símbolo do amor, que triunfa sobre o ódio e o pecado. Foi assim a vida inteira de Madre Rita. Cada rosa, símbolo do amor, representa cada Irmã de Jesus Maria José, cada alma cristã que, impelida pelo zelo do Espírito, espalha com sua presença no lugar onde se encontra, a fragrância da humildade, da pureza, da alegria e da simplicidade, enfim, das virtudes que vai descobrindo na Família de Nazaré. Como se depreende, mesmo depois da morte, os santos continuam a ser profetas, através dos sinais que o Senhor nos dá da sua inefável presença. Afinal, o aroma de 52 Irmãs, que tiveram de emigrar após a Revolução, e de outras muitas que, depois seguiram o seu exemplo, manteve-se em fragrância permanente junto a sepultura de Madre Rita.

(Cf. Livro - A mulher e o dragão de Pe. Florentino Pereira CMF)



Beata
Rita Amada de Jesus

ECOS DA CANONIZAÇÃO



Boletim Nº 32 – JANEIRO/2022

Caros Leitores do Boletim “Ecos da Canonização”

No dia 06 de janeiro foi celebrado o aniversário de morte de Rita Amada de Jesus 109 anos (06/01/1913). Porém sua morte não é o fim, mas o recomeço, em Deus. *“Um coração iluminado pelo Espírito e unido à vontade de divina, não se apaga a luz e a esperança.”*

Assim se expressou o Cardeal Saraiva, na sua Beatificação: *“Esta é a mulher extraordinária que a Igreja propõe hoje ao Povo cristão como modelo de santidade. Uma mulher que, na história, não ficou com a cabeça “no ar”, nem viveu como os que não têm esperança ou se julgam sem futuro. Empenhou-se ao máximo, sobre a terra, seguindo as inspirações que o Espírito Santo nela suscitava, vivendo com os pés bem firmes sobre a terra. Se é verdade que todo o Santo é sempre uma palavra que Deus dirige de forma concreta ao homem, é precisamente isso o que queremos aprender de Madre Rita Lopes de Almeida: deixar-nos compenetrar do mistério da Ressurreição de Cristo e da sua Ascensão ao Céu, porque, também nós, como a nova Beata, queremos ser felizes “nesta carne”, e não sem ela.*

O encontro “com o Senhor que vive” ou o “ir ter com o Senhor”: eis o que para nós, cristãos, é o “Céu”. No comportamento e exemplo da Beata, reconhecemo-nos escolhidos desde a eternidade para sermos, também nós, santos e santificadores e, como ela, fermento de santidade para os nossos contemporâneos.

O mundo de hoje precisa de Santos, como muitas vezes repetia o Servo de Deus João Paulo II. Hoje, porém, diz Simone Weil: “não basta ser santos, é necessária a santidade que o presente exige, uma santidade nova, também essa sem precedentes... O mundo precisa de Santos que tenham genialidade, como uma cidade onde grassa a peste precisa de médicos”. Sim, precisa de homens e mulheres que vivam em plenitude a sua vocação humana e cristã como a nova Beata Rita de Almeida (Homilia da Beatificação - Viseu – Portugal - 28/05/2006).

Serviço de Canonização - Irmã Leonir Tomazi, jmj

INSTITUTO JESUS MARIA JOSÉ

Rua São José, nº 501 – Santo Amaro
04739-001 - São Paulo - Brasil –
Tel +55 11 5696-0300

E-mail: canonizacaojmi@institutojmi.org.br /
Site: www.institutojmi.org.br

SEDE PROVINCIAL

Rua Coronel Galhardo,39
3880-157 - Ovar – Portugal - Tel +351 256 572 313
E-mail: ritaamadajmj2409@gmail.com

Facebook: Bem-Aventurada Rita Amada de Jesus

RÉSTIA DE LUZ NO SEU CORAÇÃO DE MÃE

“Neste tempo de tanta tribulação, nossa Madre Fundadora conservou-se sempre corajosa e manteve inabalável a sua confiança em Deus” (PE 235).

O Senhor está convosco, apelo da Madre Fundadora à confiança, à paz e ao abandono nas mãos de Deus. Assim termina o Evangelho de S. Mateus: **“Eu estarei convosco até o fim dos tempos”** (Mt 28,20).

Madre Rita polarizou toda sua vida na obra que Deus lhe encomendou, por reconhecer, nela, a sua santíssima vontade: o Instituto JMJ. Mente, coração, vontade, posses, sacrifícios sem número, esforços, privações, doenças, sofrimentos, calúnias, perseguições, sem tréguas, tudo empreendeu por amor ao Instituto. A ele se consagrou como expressão clara da vontade de Deus. Agora, era o momento de se unir como Cristo à cruz do Calvário, e gritar bem alto: **“Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?”**.

De facto, com a Revolução de 1910, tudo acabara repentinamente... teria sido inútil toda a sua vida?

- Todos os bens materiais caíram nas mãos dos inimigos da Igreja.

- As irmãs foram atacadas pelo lobo e dispersas por suas terras.

- O Padre Lapa, diretor Espiritual de Madre Rita e de todo o Instituto, foi forçado pela lei a sair do país.

- As casas foram saqueadas e registradas a favor do governo.

- Madre Rita é condenada a viver na maior pobreza, com algum dinheiro que conseguiu salvar e que aplicou na viagem das Irmãs para o Brasil. Agora, já não conseguia pedir, nem

sequer para ela. Nesta hora de trevas, Rita Amada de Jesus assume o maior grau

de pobreza humana e espiritual a que pode chegar um coração enamorado de Deus, nada, nada, nada...

“Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” Resta-lhe, apenas, como Jesus, a confiança no Pai... Não tem casa, nem sua e nem da sua família para se abrigar... Não pode ter junto de si mais do que uma irmã... Não há perspectiva, no primeiro momento, para a continuidade da sua obra... Não tem saúde suficiente para muitas resistências.

No coração iluminado pelo Espírito e unido à vontade de divina, não se apaga a luz e a esperança. Nesta prova dura e difícil, Rita surpreende-nos assim:

- A coragem e audácia que nunca perdeu, capaz de alentar as Irmãs dispersas a **permanecerem serenas e fiéis. O abandono nas mãos do Pai e a confiança absoluta nele**, esperando a hora de Deus. É assim que fala o Patrimônio Espiritual: **“Neste tempo de tanta tribulação, nossa Madre Fundadora conservou-se sempre corajosa e manteve inabalável a sua confiança em Deus”** (PE 235).

No cimo do Calvário, Jesus antes de expirar, pronunciou esta súplica de abandono nas mãos do Pai: **“Em vossas mãos, Pai, entrego meu Espírito”** (Lc 23,45). É o supremo momento místico, em que a experiência única da morte biológica, cósmica e corporal, se transfere na confiança total em Deus, que vai salvar a pessoa e ressuscitá-la.

Se o Pai vai ressuscitar Jesus, também a morte de Rita vai ressuscitar o Instituto. Quando tudo parecia terminado e sepultado pelo poder da maldade; quando os inimigos esfregavam as mãos contando vitória, tudo se inverteu. Agora tudo vai começar com uma nova vida, onde mais se afirmará o vigor desta árvore chamada Instituto Jesus Maria José.

E naquele 06 de janeiro de 1913, a batalhadora intrépida da causa de Jesus entregara sua bela alma nas mãos do seu Esposo e seu Rei.

E no barco, a caminho de Santa Cruz, as primeiras vozes do Instituto JMJ desafiavam, em alto mar, as estrelas cintilantes que cantavam, dia e noite: **“Ó Senhora, sê Pastora de um redil que todo é teu. Deixa ilesa, o lobo a presa, se lhe bradas lá do Céu...”**

No Brasil, as primeiras Irmãs mantiveram o espírito da fundação, sem nada alterar: **pobreza, humildade, simplicidade, alegria, silêncio, trabalho, confiança e abandono nas mãos de Deus** – tal como a Sagrada Família de Nazaré. A Escola de Nazaré, após trinta anos de existência, era a mesma que havia dado origem ao Instituto em Gumieí, no ano de 1880. Louvores a Deus!

Pe. Florentino Mendes Pereira, cmf

Texto extraído do Livro: Beata Rita Amada de Jesus Itinerário Espiritual